



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**“A LIBERTAÇÃO DO TERRITÓRIO NACIONAL ARGELINO  
INAUGURA O REINO INCONDICIONAL DA JUSTIÇA”:  
A REVOLUÇÃO ARGELINA EM FRANTZ FANON (1950-1960)**

Cadídja Assis Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** A Argélia foi palco de uma emblemática práxis revolucionária anticolonial, seja nas trincheiras, seja nos escritos. Foi no cenário dessa efervescente luta de libertação nacional que Frantz Fanon consolidou sua carreira enquanto médico psiquiatra e intelectual comprometido com a agenda anticolonial. Sua obra intitulada “Em defesa da Revolução Africana”, publicada originalmente na França em 1964, reúne ensaios, cartas, artigos e discursos produzidos por Fanon entre 1952 e 1961, período que se inicia com sua nomeação para o Hospital Psiquiátrico de Blida e perpassa pelos anos da Guerra de Independência da Argélia (1954-1962). Por uma perspectiva da História do Tempo Presente, pensamos os escritos reunidos nesta obra enquanto um testemunho de Frantz Fanon, que nos possibilitará, a partir de uma articulação entre memória e História, pensar quais foram as experiências da Revolução Argelina que indicaram para Fanon a possibilidade de uma nova vida que nasce com a morte do colonialismo. A Revolução Argelina enquanto palco de constituição desta nova humanidade que surge de uma práxis revolucionária, na dialética relação entre prática e teoria, foi uma revolução que se deu em todos os níveis de atuação, do cotidiano ao intelectual. Sendo assim, proponho uma reflexão a partir dos caminhos históricos, políticos e intelectuais que percorreu Frantz Fanon em seu comprometimento com a luta anticolonial.

**Palavras-chave:** Revolução Argelina, Frantz Fanon, movimentos de independência.

**1. “A MINHA DECISÃO É A DE NÃO ASSEGURAR, CUSTE O QUE CUSTAR, UMA RESPONSABILIDADE SOB O FALACIOSO PRETEXTO DE NADA MAIS HAVER A FAZER.”**

A revolução Argelina, pela inspiração profundamente humana que a anima e pelo seu culto apaixonado da liberdade, procede, desde há três anos, à destruição metódica de um certo número de mistificações. De facto, é testemunho à existência nacional os seus direitos. De facto, é testemunho da vontade do povo. Mas o interesse e o valor da nossa Revolução residem na mensagem de que é portadora. [...] A Revolução Argelina, propondo-se a libertação do território nacional, visa não só à morte deste conjunto, como à elaboração de uma sociedade nova. A independência da Argélia não é apenas fim do colonialismo, mas desaparecimento, nesta parte do Mundo, de um

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/FAED/UDESC). Bolsista CAPES e integrante do AYA - Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (FAED/UDESC). E-mail: [cadidjap@gmail.com](mailto:cadidjap@gmail.com).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



gérmen de gangrena e de uma fonte de epidemia. A libertação do território nacional argelino é uma derrota para o racismo e para a exploração do homem; inaugura o reino incondicional da Justiça. (FANON, 1980, p. 71)

Frantz Omar Fanon (1925-1961) foi certamente um homem em movimento. Nasceu e cresceu na Martinica, lutou e estudou na França, trabalhou e lutou na Argélia, escreveu e lutou na Tunísia. Sempre em trânsito com seu corpo pelo mundo, Fanon se tornou conhecido por ter dedicado seu tempo e seu trabalho à luta anticolonial dos anos 1950 e 1960. Embora sua vida tenha sido curta, a dimensão de sua contribuição à luta dos povos colonizados é impossível de mensurar. Seja no tempo de sua existência, nas décadas que se seguiram e no tempo presente, o conhecimento e testemunho de Fanon é de uma abrangência que transcende fronteiras espaciais e temporais.<sup>2</sup> “Se ele propôs um saber, tratava-se afinal de um saber em situação - o saber das experiências de racialização e de sujeição; o saber das situações coloniais de desumanização e o saber dos meios para lhe dar um fim.” (MBEMBE, 2019, p. 291)

Como podemos perceber na epígrafe de abertura deste debate, Frantz Fanon enxerga na experiência da Revolução Argelina não apenas a potencialidade de morte do colonialismo como também oferece as estratégias necessárias para o nascimento de novas humanidades. Há, para Fanon, elementos determinantes que dispõem a Revolução Argelina como testemunho de uma violenta, porém irreversível e inevitável reconstituição dos sujeitos. Quais são as características históricas, políticas, sociais e teóricas do movimento de independência da Argélia e sua luta travada contra o colonialismo francês que levaram Frantz Fanon a considerar a libertação da Argélia como a inauguração do reino incondicional da Justiça? É em torno desta problemática que a presente reflexão se seguirá.

Em defesa da Revolução Africana (1980) ou, originalmente, “*Pour la révolution africaine*” (1964) é a principal obra que nos acompanhará durante esta investigação, visto que seu conteúdo é composto por escritos políticos de Frantz Fanon entre os anos 1952 e 1961. Dividida em cinco partes sendo elas “O colonizado”, “Racismo e Cultura”, “Pela Argélia”, “A caminho da libertação da África” e “Unidade Africana”, os escritos presentes na obra retratam as preocupações que ocupavam sua prática médica, intelectual e revolucionária neste período. Publicada três anos após a morte do autor, pode-se encontrar na obra textos dos mais variados formatos, sendo eles cartas, ensaios para revistas, discurso proferido em congresso e,

---

<sup>2</sup> “Não existe hoje nenhuma região do mundo que não tenha acolhido, de um modo ou outro, o nome de Fanon. Uma verdadeira ‘biblioteca Fanon’ nasceu e permitiu, por sua vez, a constituição de um campo de estudos florescente, rizomático e, hoje em dia, de alcance planetário.” (MBEMBE, 2011)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



majoritariamente, seus ensaios escritos para o *El Moudjahid*, jornal da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN). Algumas especificidades se dizem respeito aos escritos para o jornal *El Moudjahid*, ou como coloca Planche (2006 *apud* LIPPOLD, 2019, p. 60), “o órgão central da F.L.N. em guerra”. A primeira delas nos é anunciada na nota do editor da obra, que é o fato de os textos no jornal não serem assinados, mas a confirmação de que os escritos que compõem a obra foram escritos por Fanon foi dada por sua esposa, Josie Fanon.<sup>3</sup> Outra particularidade se dá à dificuldade de acesso aos arquivos originais do *El Moudjahid*, cuja discussão é presente entre os estudiosos que se deparam com ele em suas pesquisas.

Ter o livro “Em defesa da Revolução Africana” enquanto fonte histórica apresenta alguns desafios para sua análise. Considerando questões referentes à tradução e acesso ao livro original, foi utilizada para este trabalho a versão traduzida para o português, cuja publicação foi feita em Portugal em 1980. Embora a reflexão esteja pautada na edição portuguesa, esta possui as mesmas seleções de textos e escritos da edição original. Observando o interior do livro, é preciso pontuar que os textos possuem tempos, características e contextos distintos, e que por uma ótica metodológica do campo da história do tempo presente pode ser considerada enquanto um testemunho de Frantz Fanon sobre seu tempo e suas experiências, representando algumas das reflexões que ocupavam suas preocupações. Um testemunho é, para Henry Rousso (2016), uma narrativa, depoimento ou relato que representa uma determinada perspectiva sobre a experiência dos acontecimentos. Para a operacionalização de uma fonte enquanto testemunho, sugere Hartog (2013), cabe ao historiador realizar a mediação entre a memória acionada pela testemunha e o presente, construindo a partir da análise crítica da memória para a construção historiográfica. O filósofo camaronês Achille Mbembe (2019) nos oferece uma rica reflexão a respeito dos testemunhos de Fanon:

Toda a obra de Fanon é um depoimento em defesa dessa existência maltratada e devastada. É uma busca obstinada dos vestígios de vida que persistem nesse grande estrondo, estado inaudito por excelência; nesse corpo a corpo com a morte, que apenas anuncia o parto de novas formas de vida. Com ele, o crítico, a um só tempo ator e testemunha ocular dos eventos que narra, torna-se um com o mundo que brota das entranhas da luta, e se põe a escutá-lo. Sua fala, semelhante a um filamento levado à incandescência, serve a um só tempo de atestado e depoimento à justiça. De resto, testemunhar em situação colonial é antes de tudo prestar conta de vidas mergulhadas numa interminável agonia. É

---

<sup>3</sup> A respeito das autorias dos textos publicados para o FLN e a curadoria de seleção dos textos, sugiro a tese de doutorado de Walter Lippold (2019), uma pesquisa bastante completa e pontual a respeito destas fontes.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



‘caminhar passo a passo ao longo da grande ferida feita no povo e no solo argelino’. (MBEMBE, 2019, p. 286-287)

Por este caminho, as memórias e testemunhos de Frantz Fanon em seus escritos políticos presentes na obra já mencionada nos oferecem ricas oportunidades de investigação histórica para o tempo presente. A primeira parte da obra, intitulada “O colonizado”, é composta por dois ensaios publicados na Revista *Espirit* nos anos de 1952 e 1955, respectivamente.<sup>4</sup> Dividido em três teses, o primeiro artigo da obra se debruça sobre o que Fanon chama de “Síndrome Norte-Africano”. Com o objetivo de discorrer a respeito das enfermidades de seus pacientes norte-africanos, em especial os que residiam na França, Fanon apresenta uma crítica precisa aos profissionais da saúde mental que duvidam da realidade das dores destes pacientes, uma vez que suas lesões não são físicas ou visíveis. Fundamentados no conceito médico de Molière, “enfermo imaginário”, a equipe médica francesa abraçou o uso do diagnóstico intitulado “Síndrome Norte-Africano”.

Em contraponto, Frantz Fanon coloca em cheque esta perspectiva médica pautada no argumento de que todo sintoma possui uma lesão, perspectiva que Fanon chama de “vício perigoso”, visto que a inexistência de lesões no paciente leva o médico a questionar o paciente, e não sua prática. Com uma detalhada reflexão médica característica de muitos dos escritos do autor, Fanon defende neste ensaio a tese de que as enfermidades destes pacientes norte-africanos são consequências da “teoria de desumanidade” a qual são submetidos. No diálogo com a medicina psicossomática de Dr. Stern (1949) e Heinrich Meng, Fanon analisa a “situação” do homem norte-africano a fim de compreender as relações que os rodeiam, suas ocupações e preocupações, sua sexualidade, sua tensão interior, seus sentimentos de segurança ou insegurança, os perigos que o ameaçam e, por fim, sua evolução e história de vida ou, a história de sua morte. Em suma, a situação de expatriação em que se encontra o homem norte-africano em busca de trabalho na França colonialista é “um fenômeno mórbido” (FANON, 1980, p.19).

As condições materiais que levam as populações cuja existências foram racializadas, hierarquizadas e subjugadas à adoecer são problemáticas que acompanham a carreira de Frantz Fanon desde seu primeiro livro, “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008) publicado originalmente em 1952. Esta premissa que o faz considerar as condições materiais da experiência vivida sob contextos de extrema desumanização se faz presente em toda base de seu

---

<sup>4</sup> O “síndrome norte-africano”, publicado originalmente na Revista *Espirit* em fevereiro de 1952; Antilhanos e Africanos, publicado também na Revista *Espirit* em fevereiro de 1955.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



pensamento. Para Deivison Faustino (2018), esta característica que se manifesta enquanto eixo estruturante do pensamento fanoniano está pautado no conceito de sociogenia, permitindo um “sociodiagnóstico que conceba a subjetividade sempre em relação com os seus determinantes históricos e sociais” (FAUSTINO, 2018, p. 15). Uma vez identificado os fatores adoecedores de um indivíduo, realizar um sociodiagnóstico permite, conseqüentemente, sugerir os caminhos necessários para seu tratamento e cura. Para Fanon, ainda neste primeiro ensaio da obra, transformações urgentes para a qualidade de vida no norte da África são necessárias a caráter de garantir infraestruturas e direitos como saúde, educação e terra. Simultaneamente, são urgentes também no território francês transformações de caráter humano, em especial um trabalho de humanização cuja responsabilidade é compartilhada em distintos pesos e medidas.

A caráter de conclusão deste primeiro ensaio e, gancho de abertura para a discussão deste trabalho, Fanon deposita na França colonizadora a responsabilidade sobre os fatores nocivos e adoecedores identificados a partir do sociodiagnóstico levantado. De forma bastante assertiva, Fanon responsabiliza o francês de mentalidade colonial por terem criado um caminho ao norte-africano sem oferecer descanso, sem possibilidade de construir um lar. O responsabiliza por coisificar e estigmatizar o norte-africano e por lembrá-los sempre que são estrangeiros, impossibilitando a expansão do meio familiar e vínculos de afetividade. Ao mesmo tempo, o Doutor Fanon responsabiliza seus pacientes na imprescindível tarefa de reivindicar sua própria humanidade:

Se tu não reclusas o homem que está à tua frente, como queres que eu suponha que reclusas o homem que há em ti? Se tu rejeitas o homem que está à tua frente, como é que eu hei-de acreditar no homem que talvez esteja em ti? Se tu não exiges o homem, se tu não sacrificas o homem que está em ti para que o homem que está nesta terra seja mais do que um corpo, mais do que um Mohammed, que artes mágicas não serão precisas para que eu tenha a certeza de que, também tu, és digno do meu amor? (FANON, 1980, p. 20)

Há muito trabalho a se fazer. Frantz Fanon apresenta o que há de ser feito através do que Achille Mbembe (2019) chama de linguagem do trabalho. Não apenas pelo motivo de suas influências marxistas em sua trajetória que o fazem nunca perder o capitalismo de vista em suas análises do sistema colonial, mas Fanon também reivindica essa linguagem no sentido de trabalho revolucionário, da práxis absoluta, cuja finalidade é produzir a vida (MBEMBE, 2019). O intelectual já demonstra neste ensaio escrito em 1952 os caminhos iniciais deste campo de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



batalha que se demonstrará longo, violento e profundamente decisivo para o entendimento dos movimentos de independência na Argélia e em África.

A luta anticolonial na qual Frantz Fanon se dedicou inteiramente aciona inevitavelmente o trabalho em todos os *fronts*, guerrilhas e esferas da vida. Tendo em perspectiva estas considerações iniciais, daremos continuidade à reflexão no intuito de compreender em que condições se constroem o testemunho de Fanon, para posteriormente compreendermos o papel que teve a Revolução Argelina para as lutas de libertação nacional em África, refletirmos sobre o porquê a “libertação do território nacional argelino é uma derrota para o racismo e para a exploração do homem; inaugura o reino incondicional da justiça” (FANON, 1980, p. 71).

## **2. “MEDI COMO HORROR A AMPLITUDE DA ALIENAÇÃO DOS HABITANTES DESTE PAÍS”: MEMÓRIA E TESTEMUNHO EM FRANTZ FANON**

Antes de adentrarmos a nossa discussão, considero importante situar algumas problemáticas a respeito da produção historiográfica acerca da guerra de libertação nacional no território argelino. A começar pelo nome dado ao acontecimento histórico, Lippold (2019) afirma que “qualquer tentativa de nomear o período histórico de 1954-1962 implica escolhas políticas e ideológicas” (2019, p. 29). Revolução, luta armada de libertação nacional, guerra de libertação nacional, guerra de independência ou guerra da Argélia?<sup>5</sup> Essa discussão é pertinente para compreendermos o entendimento de Fanon a respeito da independência argelina que, na maioria de suas menções se refere ao acontecimento histórico enquanto Revolução. Neste trabalho, a caráter de metodologia, farei uso do termo Revolução Argelina quando estiver me referindo ao pensamento de Fanon, visto que na nossa fonte principal é este o termo mais acionado.

Situada em um campo altamente disputado por narrativas, essa produção historiográfica evidentemente carrega perspectivas de acordo com os interesses políticos dos pesquisadores, seus *locus* geopolíticos de enunciação<sup>6</sup> e suas instituições de pesquisa e financiamento. Há

---

<sup>5</sup> “Na maioria das vezes, o termo revolução é usado; quando se destaca a questão militar em oposição a luta política ocorre o uso de luta armada de libertação nacional; raramente observa-se o uso de guerra de independência, apesar de ser um dos mais próximos da realidade histórica; na França, em 1999, a Assembleia Nacional aceitou oficialmente o nome guerra da Argélia, tendo em vista que antes era nomeada de ‘acontecimentos da Argélia’.” (LIPPOLD, 2019, p. 29)

<sup>6</sup> “O essencial aqui é o *locus* da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala. Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. A ‘egopolítica do conhecimento’ da filosofia ocidental sempre privilegiou o mito de um ‘Ego’ não situado. O lugar epistêmico



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



principalmente duas vertentes principais nessa disputa, como aponta Lippold (2019), que é a produção historiográfica realizada sob controle identidade do Estado argelino, cujo objetivo principal é construir uma identidade narrativa histórica e, de um outro lado, uma produção francesa profundamente mergulhada na cultura historiográfica colonialista. Visto que grande parte dos estudos acerca da guerra de independência argelina carregam um ou outro viés, é preciso ter isso em mente ao acessar e aprofundar as discussões. Não no sentido de buscar uma reflexão de caráter imparcial, que não penso ser possível nem desejável, mas no intuito de ter em perspectiva o reconhecimento de que os trabalhos históricos carregam em si um reflexo dos posicionamentos e interesses dos pesquisadores envolvidos. Walter Lippold (2019) alerta que há uma quantidade considerável de fontes que podem ser um “material de grande riqueza, desde que seja interpretado sob a ótica crítica dos métodos de análise histórica, que buscam compreender as interconexões entre memória e História.” (LIPPOLD, 2019, p. 29)

A memória, assim como a lembrança, o esquecimento e a nostalgia são, segundo Achille Mbembe (2019), imagens psíquicas constituídas no campo simbólico, político e da representação. Para o filósofo, a memória se manifesta a partir de modos de presença de um passado na consciência, sejam eles traços, restos ou fragmentos. Por esta perspectiva, articular a interpretação desta memória para a análise histórica implica não em julgar se aquela imagem é verdadeira ou não, mas sim estar atento aos jogos de símbolos e significados depositados sobre ela (MBEMBE, 2019). Nesta lógica, é preciso estar atento às narrativas acionadas para a construção de uma memória histórica a respeito da guerra de independência argelina. Para além disso, produzir um conhecimento histórico sobre a Revolução Argelina a partir de Frantz Fanon implica também identificar os significados acionados e construídos pelo autor em seu testemunho.

Por esta lógica, estudar a independência argelina pela ótica de Fanon implica em considerá-lo por duas esferas principais: Frantz Fanon enquanto teórico da revolução, e Frantz Fanon enquanto agente ativo da revolução. Isso não significa que meu olhar para Fanon nesta análise seja feito sob uma ótica compartimentada, no sentido de identificar os momentos em que ele se manifestava enquanto intelectual e os momentos de militância revolucionária. Significa

---

étnico-racial/sexual/de gênero e o sujeito enunciativo encontram-se, sempre, desvinculados. Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre um conhecimento universal Verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia.” (GROFAGUEL, 2008)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



exatamente dizer que não me parece possível fazer essa fragmentação. Faço esta consideração pensando em duas principais características: a primeira diz respeito ao próprio contexto e exigências dos acontecimentos da guerra em que Fanon se viu inserido; a segunda se refere à noção de uma práxis revolucionária indissociável entre teoria e prática, reflexão que aprofundaremos mais adiante.

O contexto histórico das décadas de 1950 e 1960, em especial até a primeira metade da década de 1960, no qual o processo de independência do território argelino se situa, faz parte de um panorama global conturbado e extremamente movimentado que se sucede aos acontecimentos pós Segunda Guerra. A caráter nos situarmos no tempo e no espaço, e não necessariamente de propor uma narrativa cronológica dos acontecimentos, o cenário se encontrava com a Revolução Chinesa encerrando a década de 1940, a Guerra da Coreia inaugurando a década de 1950, seguida pela libertação nacional da Indochina em 1954 que culminou na derrota da França. A vitória do movimento Vietminh demonstrou para as demais colônias francesas que, apesar de os esforços da França de ser fazer parecer indestrutível, ela não era. Para ser mais específica, a lei de ferro do colonialismo que pretende se demonstrar impenetrável só poderia ser combatida com uma implacabilidade igualmente perfurante por parte dos povos colonizados (MBEMBE, 2019). E foi neste cenário que as independências se faziam cada vez mais possíveis que eclodiu a Guerra de Independência da Argélia, também em 1954.<sup>7</sup> A partir deste momento, especialmente com a conferência de Bandung em 1955, vai se proliferando pelo então chamado Terceiro Mundo fortes movimentos da luta anticolonial. (LIPPOLD, 2019)

Em *Regimes de Historicidade*, François Hartog (2013) aponta que as primeiras décadas após a segunda guerra mundial foram marcadas por uma experiência de instabilidade em relação ao tempo. Em consequência de uma crise da noção de futuro decorrente de uma vivência sequencial de guerras, o século XX experienciou uma percepção de um tempo acelerado, cujas demandas eram ditadas pelo próprio presente. Neste contexto, toda essa aceleração e urgência dos acontecimentos exigiu que não apenas Fanon, mas uma considerável parcela de intelectuais se posicionasse frente aos imperativos do presente.<sup>8</sup> É situado neste contexto que Fanon se fez,

---

<sup>7</sup> Entre 1952 e 1953 a Argélia experienciou uma fase que Fanon nomeia enquanto “fase aguda pré-insurrecional”, ou seja, um contexto decisivo onde dominava sob os ares argelinos um clima de extrema tensão que se desenvolveria para a fase armada da independência ou, a violência emancipadora do colonizado (MBEMBE, 2019).

<sup>8</sup> Na efervescência dos acontecimentos da guerra, entre as décadas de 1950 e 1960, a historiografia francesa experienciou um forte movimento de contracorrente que produziu uma história do presente e uma história política



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



no calor dos acontecimentos, teórico da revolução e agente ativo da história. Por este motivo, ter Frantz Fanon como sujeito de diálogo desta investigação exige olhar para ele em dois tempos principais: o tempo de seu testemunho, e o presente tempo em que olho para seu testemunho pelas óticas da História. A respeito das informações biográficas sobre Frantz Fanon, visto que são muitas as biografias produzidas sobre ele, utilizei especialmente a biografia teórica de Deivison Faustino (2019) por afinidade à sua narrativa construída sobre Fanon:

Não encontraremos um super-homem, no sentido hollywoodiano, e muito menos um sujeito miticamente atormentado por algum trauma edípico não revelado, mas apenas uma pessoa que procurou dar respostas aos desafios que a história lhe impôs, em uma época em que as respostas pareciam possíveis de serem dadas. (FAUSTINO, 2019, p. 16)

A Argélia aconteceu na vida de Fanon.<sup>9</sup> Uma pergunta interessante foi feita por um de seus biógrafos: “Exatamente quando Fanon se converteu em um revolucionário?” (GEISMAR, 1972, p. 66 *apud* FAUSTINO, 2018, p. 66). Talvez respondê-la não seja o caminho mais pertinente para nossa reflexão, mas ela instiga a pensar que a sua experiência na Argélia certamente foi um marco decisivo em sua vida, refletido em sua obra e testemunho. Segundo Faustino (2018), seu trabalho na Argélia foi fundamental para que ele pudesse analisar, compreender e elaborar suas reflexões a respeito do colonialismo e da psique humana. Quando Fanon chegou à Blida em 1953 se deparou com a realidade de um hospital público da colônia sob comando do governo francês, ou seja, um hospital cujas práticas e fundamentos médicos seguiam uma lógica colonial, como por exemplo as alas dos pacientes serem racialmente divididas, árabes de um lado e franceses de outro.<sup>10</sup>

À medida que o conflito na Argélia se agrava, Fanon se encontrava em uma situação impossível de ser contornada. Tendo seu primeiro contato com os militantes da FLN em 1955, Fanon ofereceu apoio material, médico e intelectual à causa argelina desde então. De um lado, apoiador e atuante na luta argelina e anticolonial, de outro, funcionário em um hospital colonial.

---

contemporânea em Paris (DOSSE, 2012). Em um contexto onde as torturas cometidas contra o povo argelino atingiram proporções impossíveis de serem evitadas, uma considerável parcela de intelectuais e historiadores franceses dedicaram sua atenção à Argélia. (STORA, 2004).

<sup>9</sup> Faustino (2018) aponta que há uma reflexão de caráter biográfico a respeito da decisão de Fanon em ir para a Argélia. Após passar em um concurso que o permitiu escolher qual instituição psiquiátrica trabalhar, sua primeira opção foi ir para o Senegal, contudo, não obteve resposta de sua carta enviada à Léopold Senghor. Antes de assumir o cargo de direção no hospital psiquiátrico de Blida, na Argélia, Fanon rejeitou um convite de retornar à Martinica e ocupou um cargo temporário em Pontorson, na França.

<sup>10</sup> As considerações de Fanon a respeito de suas perspectivas teórico-metodológicas e prática médica frente à realidade em que se deparou durante sua atuação na Argélia podem ser encontradas no livro “Alienação e Liberdade” (2020), coletânea que reúne seus escritos psiquiátricos.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Oficialmente, tratou dos soldados franceses com distúrbios decorrentes das torturas praticadas. Clandestinamente, tratou física e psicologicamente as feridas dos combatentes argelinos decorrentes das torturas sofridas. Em determinado momento, contando com o apoio de alguns colegas, chegou a oferecer treinamentos e contrabandear medicamentos aos guerrilheiros. Em 1956 seu ambiente de trabalho já havia se tornado completamente insustentável com a polícia escoltando sua equipe, alguns de seus enfermeiros árabes haviam sido presos, acusados de terrorismo, e seu colega francês doutor Lacaton quase não sobreviveu às torturas, acusado de traição. No início de 1957 Fanon foi expulso da Argélia e voltou para Lyon com sua família antes de seguir à Tunísia, onde decidiu que precisava atuar. (FAUSTINO, 2018)

Durante quase três anos dediquei-me totalmente ao serviço deste país e dos homens que o habitam. Não poupei nem os meus esforços nem o meu entusiasmo. Nada houve na minha acção que não exigisse como horizonte a emergência unanimemente desejada de um mundo válido. Mas que significam o entusiasmo e o cuidado pelo homem, se diariamente a realidade é tecida de mentiras, de cobardias, de desprezo pelo homem? De que servem as intenções, se a sua encarnação é tornada impossível pela indigência do coração, pela esterilidade do espírito, pelo ódio aos autóctones deste país? A loucura é um dos meios que o homem tem de perder a sua liberdade. E posso dizer que, colocado nesta intersecção, medi como horror a amplitude da alienação dos habitantes deste país. Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir ao homem deixar de ser estranho ao que o rodeia, devo afirmar que o Árabe, alienado permanente no seu país, vive num estado de despersonalização absoluta. O estatuto da Argélia? Uma desumanização sistematizada. [...] Sr. Ministro, os actuais acontecimentos que ensangüentam a Argélia não constituem um escândalo aos olhos do observador. Não são nem um acidente, nem uma avaria do mecanismo. Os acontecimentos da Argélia são a consequência lógica de uma tentativa abortada de descerebralizar um povo. (FANON, 1980, p. 57-60)

O trecho acima se trata de uma carta enviada por Fanon para o Ministro Residente, governador-geral da Argélia, cuja resposta foi sua expulsão imediata do território argelino. Em uma só carta, Fanon aciona sua experiência enquanto alguém que esteve totalmente imerso nos acontecimentos, não esconde sua indignação ao colocar seu diagnóstico em relação a situação de “desumanização sistematizada” que se encontrava a Argélia e o povo argelino, e, por fim, pede demissão. Em minha leitura, esta carta pode também ser interpretada em tom de desabafo, da angústia e da lucidez de um homem que sabia dali para a frente que seu *front* seria outro, passando a se dedicar exclusivamente à luta anticolonial, “a caminho da libertação da África”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Título da quarta parte do livro “Em defesa da Revolução Africana” (1980).



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Há já longos meses que a minha consciência é palco de debates imperdoáveis. E a conclusão que chego é a vontade de não desesperar do homem, isto é, de mim próprio. A minha decisão é a de não assegurar, custe o que custar, uma responsabilidade sob o falacioso pretexto de nada mais haver a fazer. Por todas estas razões, tenho a honra, Sr. Ministro, de lhe pedir que aceite a minha demissão e que dê por finda a minha missão na Argélia, com a certeza de toda a minha consideração. (FANON, 1980, p. 59-60)

### 3. “É UM INDIVÍDUO LIBERTO QUE EMPREENDE A CONSTRUÇÃO DA CIDADE”

Frantz Fanon, este homem que teve em sua vida a experiência do racismo<sup>12</sup>, da guerra<sup>13</sup>, da perseguição política, mas também do encantamento, do afeto, de amizades e relações construídas na vida da Revolução. O que foi da sua experiência e de seu testemunho enquanto agente ativo da Revolução Argelina que o levou a considerar que “a libertação do território nacional argelino é uma derrotada para o racismo e para a exploração do homem [inaugurando] o reino incondicional da Justiça”? (FANON, 1980, p. 71). Como foi que Fanon viu na experiência argelina, no diálogo com os sujeitos da revolução, o renascimento de uma nova humanidade? Como se deu essa luta a ponto de levar Fanon a ver na Argélia a possibilidade de uma nova vida que nasce a partir da morte do colonialismo?

Descritas pelo próprio autor, a Argélia carrega algumas particularidades que a distingue de outras experiências de descolonização, até mesmo entre as independências de outras ex-colônias francesas. A primeira a ser considerada diz respeito ao “mito da Argélia Francesa”<sup>14</sup> (FANON, 1980, p. 90), em razão de seu posicionamento geopolítico e o fato de ter sido uma colônia de povoamento<sup>15</sup>, a Argélia era considerada “parte” da França. Isso implica que a relação entre a colônia e a metrópole eram profundamente entrelaçadas, no entanto, o limite dessa reivindicação de “Argélia Francesa” é colocado pelo próprio colonialismo. Sem

<sup>12</sup> FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. In: \_\_\_\_\_. Pele negra máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

<sup>13</sup> A experiência de guerra de Fanon se deu tanto enquanto soldado no *front* francês contra a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial, quanto na guerra da Argélia enquanto médico e intelectual, como vínhamos mencionando. (FAUSTINO, 2019)

<sup>14</sup> Publicado no *El Moudjahid* em 15 de dezembro 1957.

<sup>15</sup> “Como se sabe, as colônias de exploração diferem das colônias de povoamento na medida em que a primeira - como foi o caso da invasão portuguesa nas Américas - se pauta pela ocupação predatória de territórios sem, necessariamente, estabelecer vínculos e compromissos com o desenvolvimento local. O único objetivo é a submissão da população nativa de forma a viabilizar a satisfação integral dos interesses da metrópole. Já nas colônias de povoamento, como foi o caso da Argélia, da África do Sul e do norte dos Estados Unidos, objetiva-se exterminar ou submeter a população nativa de modo a viabilizar uma ocupação definitiva dos territórios ocupados, promovendo seu desenvolvimento socioeconômico e cultural.” (FAUSTINO, 2018, p. 74)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



divagações ou grandes elucubrações, Fanon é categórico em relação àquilo que o colonialismo é o que não é.

O colonialismo não é um tipo de relações individuais, mas a conquista de um território nacional e a opressão de um povo; é tudo. Não é um certo comportamento humano ou uma modalidade de relações entre indivíduos. Actualmente, todo o francês na Argélia é um soldado inimigo. Enquanto a Argélia não for independente, é preciso aceitar esta consequência lógica. Lacoste compreendeu ao «mobilizar à superfície» os franceses e francesas que vivem na Argélia. [...] Foi por não terem entendido que o colonialismo é apenas uma dominação militar que os democratas franceses se encontram hoje no limite do paradoxo. (FANON, 1980, p. 91)

Fanon destaca que a guerra de independência da Argélia inaugura três novos fenômenos para as lutas de libertação nacional. É válido lembrarmos que, neste caso, Fanon está escrevendo em nome da FLN, que não era a única organização independentista do conflito.<sup>16</sup> É importante ter isto em perspectiva pois a linguagem que ele aciona nos artigos publicados no *El Moudjahid* a partir de 1957, visto que o jornal era o veículo de propaganda política internacional da FLN, representa uma linguagem coletiva, uma linguagem pela luta (LIPPOLD, 2019).<sup>17</sup> Neste sentido, não devemos perder de perspectiva de que estas fontes específicas foram escritas por Fanon, cuja autoria fora confirmada por sua esposa, para a luta de independência enquanto militante da FLN. Dito isto, um dos primeiros fenômenos da luta argelina destacados por Fanon é o caráter de não negociação da independência. Para o autor, isso se manifesta na própria linguagem utilizada pela FLN, cujos objetivos da luta são anunciados em reivindicação, e não súplica.

O colonialismo francês não será legitimado pelo povo argelino. Nenhum empreendimento espectacular nos fará esquecer o racismo legal, o analfabetismo, o servilismo suscitado e alimentado no mais profundo da consciência de nosso povo. É por isso que as nossas declarações não se falam

---

<sup>16</sup> “No caso da Argélia, sob o controle de um regime com partido único, as tensões e conflitos internos, entre líderes que atuavam no exterior e os que atuavam no interior, entre o viés militarista e o político, a luta entre a FLN e os messalistas do Movimento Nacional Argelino (MNA), foram pouco exploradas por motivos ideológicos de produção de uma História oficial, onde o elemento militar da guerra se sobrepôs ao elemento político da luta anticolonial.” (LIPPOLD, 2019, p. 28)

<sup>17</sup> “A rede intelectual do jornal *El Moudjahid*, é uma rede de pessoas e de enunciados, pois as ideias não circulam sozinhas, como ressalta Sirinelli (1996), onde o indivíduo torna-se um elo na produção coletiva de textos, formando, o que eu chamei de sujeito coletivo. Esse sujeito coletivo não é a soma mecânica dos indivíduos envolvidos na redação do jornal. Além do mais, o sujeito coletivo da qual Fanon participou ativamente, não anula a importância do indivíduo Fanon. É notória a circulação de ideias do indivíduo Fanon para o núcleo intelectual da revolução argelina e posteriormente a retomada dos temas desenvolvidos por Fanon e seus camaradas nos artigos do *El Moudjahid*. Fanon ao fazer a imersão nesse sujeito coletivo, concomitantemente emerge como intelectual orgânico da revolução argelina, sendo um elo fundamental no diálogo com o pan-africanismo. É com esse movimento correlacionado que o pensamento de Fanon se enriquece e enriquece a Revolução Africana.” (LIPPOLD, 2019, p. 90-91)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



nunca de adaptação ou de abrandamento, mas sim de restituição. [...] Não há uma entidade nova nascida do colonialismo. O povo argelino não aceitou que se transformasse a ocupação em colaboração. (FANON, 1980, p. 123-124)

Esta “linguagem responsável” da FLN é decorrente de um fato que é indiscutível para Fanon: a libertação do território nacional, o direito à dignidade e o nascimento de uma nova vida são inegociáveis. O objetivo principal da luta na qual Fanon se dedicou é a vida. E se a luta tem o objetivo de produzir a vida, “a vida é aquilo que a luta tiver produzindo.” (MBEMBE, 2019, p. 292) O que nos leva ao próximo fenômeno destacado por Fanon: “é um indivíduo liberto que empreende a construção da cidade” (1980, p. 125). Se a libertação é inegociável, a transformação é completa:

O Argelino constrói, organiza, legisla, planifica. Daí a sua segurança, a sua linguagem firme e resoluta, a coesão escolar, empreendem-se reconversões económicas. [...] Esta recusa de soluções evolutivas, este desprezo pelas “etapes” que travam a torrente revolucionária e destroem no povo essa vontade inabalável de tomar imediatamente tudo nas mãos para que tudo mude, constituem a característica fundamental da luta do povo argelino. (FANON, 1980, p. 125)

Tanto a política de não negociação quanto a edificação coletiva de uma nova sociedade fizeram da revolução argelina, segundo Fanon, uma revolução à escala de consciência nacional e individual. É essa potencialidade que Fanon enxergou na experiência revolucionária argelina que o levou a constatar que a libertação nacional e a emancipação dos sujeitos só se fazem possível na medida expressa em que combater o colonialismo implica também combater “a ideia que o colonizado faz de si próprio através do filtro da cultura colonialista” (FANON, 1980, p. 126). Estes apontamentos no testemunho de Fanon a respeito do processo revolucionário argelino contribuíram para suas produções teóricas que vieram depois, tanto o *L’An V de la Révolution Algérienne* (1959) quanto *Les Damnés de la Terre* (1961), sua última obra. É possível, neste sentido, perceber que a experiência de descolonização que Fanon lutou, atuou, observou e teorizou levaram à construção de suas reflexões da teoria revolucionária a partir da práxis argelina. Para Fanon, a descolonização implica fundamentalmente na criação de novos sujeitos, pois a morte do colonialismo acontece na mesma instância que estes sujeitos estão construindo e reivindicando sua própria humanidade. (FANON, 2002)

A guerra da Argélia abalou profundamente o equilíbrio colonial na África. Não há em África um único território ocupado cujas perspectivas de futuro não tenham sido modificadas pela guerra da Argélia. O povo argelino está consciente da importância do combate em que está envolvido. Desde 1954 que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



a sua palavra de ordem é a libertação nacional da Argélia e a libertação do continente africano. (FANON, 1980, p. 178)

Como pudemos ver, Frantz Fanon se envolveu com a Revolução Argelina a níveis profissionais, emocionais, afetivos e transformadores. Esta sua experiência vivida fez de seu pensamento um *pensamento em situação*, um *pensamento metamórfico* no qual, “com a consciência aberta, o sujeito reflexivo punha em jogo a própria história, a própria vida, o próprio nome, em nome de um povo por vir, em vias de nascer.” (MBEMBE, 2019, p. 280). A voz da Argélia Independente ecoou entre os povos colonizados do continente africano, e o saber de Fanon viajou pelo espaço e pelo tempo. Não é de se surpreender que as vozes e experiências de uma luta pela vida serviram de levante para as pessoas e nações que tiveram suas humanidades negadas e suas vidas ceifadas. Essa luta pela vida na qual Fanon se dedicou tanto possui três principais objetivos:

Em primeiro lugar, visa destruir aquilo que destrói, amputa, desmembra, cega e provoca medo e raiva. A seguir, tenta tratar e, eventualmente, curar aqueles e aquelas que o poder feriu, estuprou, torturou, encarcerou ou, simplesmente, fez enlouquecer. Sua função participa, portanto, do processo geral da cura. Por fim, busca sepultar todos os que tomaram, ‘abatidos pelas costas’. (MBEMBE, 2019, p. 292)

É certo que a reivindicação pela libertação dos territórios nacionais compôs o cenário pelo qual Fanon se constituiu, possibilitando que ele alcançasse uma amplitude de caráter mundial com seu *pensamento metamórfico*. No entanto, embora esta questão pode não ser o desafio enfrentado pelas Áfricas no tempo presente, uma vez que as sequelas do colonialismo e o desencadeamento do neocolonialismo nos contextos pós-independências no continente estão longe de serem superadas, destruir aquilo que destrói, tratar e curar dos feridos e enlouquecidos e sepultar aqueles que tomaram se fazem ainda os objetivos da luta pela vida. É neste sentido que, segundo Said (2005), a teoria itinerante e prática intransigente de Fanon, essa teoria em movimento comprometida com a práxis revolucionária, tem o objetivo de “viajar, indo para além dos seus limites, emigrar, permanecer em certo sentido no exílio.” (SAID, 2005, p. 41) A luta anticolonial da Argélia também transcende o tempo. Atualmente, em 2021 para ser mais precisa, ocorre uma movimentação diplomática entre a França e a Argélia a fins de que haja um reconhecimento por parte da França de seus crimes de guerra e exploração colonial no território argelino. Quase 60 anos depois da Revolução, a Argélia segue protagonizando o



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



desmantelamento das estruturas coloniais em busca do “reino incondicional da Justiça” no tempo presente.

## REFERÊNCIAS

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 05 – 22, jan/jun. 2012.

FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução Africana**. Portugal: Sá de Costa, 1980.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 80 | 2008, posto online no dia 01 outubro 2012, consultado o 11 fevereiro 2021. Disponível em <<http://journals.openedition.org/rccs/697>>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

LIPPOLD, Walter Günther Rodrigues. **Frantz Fanon e a Rede Intelectual Argelina: circulação de ideias revolucionárias e sujeito coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962)**. Porto Alegre, 2019. 221p. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra. Brasil**: N-1 Edições, 3ª edição, 2019

MBEMBE, Achille. L’universalité de Frantz Fanon. In: FANON, Frantz. **Oeuvres**. França: La Découverte, 2011. Disponível em <<https://docplayer.com.br/13602063-A-universalidade-de-frantz-fanon-achille-mbembe-1.html>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2021.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite. Ensaio sobre a África descolonizada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. A história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2016.

SAID, Edward. Reconsiderando a Teoria Itinerante. In: **Deslocalizar a “Europa”**. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade. SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

STORA, Benjamin. *L’Histoire de l’Algérie, sources, problèmes, écritures*. **Insaniyat** [إنسانيات] **En ligne**, 25-26 | 2004. Disponível em: < <http://insaniyat.revues.org/6476>> Acesso em: 9 de fevereiro de 2021.